

*Intróito, prólogo, preâmbulo, prefácio ou introdução:
prolegômenos a um anti-texto que não começa nem
termina.*

*José Alexandre Ricciardi Sbizzera**

O possível leitor do trabalho a que este intróito, prólogo, preâmbulo, prefácio ou introdução antecede não mais vê o vertiginoso papel em branco frente ao qual o autor no momento do ato da escrita deste texto se encontra. E tanto assim é que neste mesmo instante este referido momento deixa de ser presente para se tornar o que foi passado, razão pela qual onde se lê encontra deveria ser lido encontrava.

No entanto, para que não se tenha o leitor frente a si um texto que permaneça em incessante caminhada – como se pudesse algo que não cessa permanecer –, usando de sua constitucional liberdade de locomoção, não tanto no espaço quanto temporalmente, indo então do presente, que é passado, ao futuro que já se faz presente, encurtar-se-á o (des)compasso de Cronos e escrever-se-á como se neste momento escritor e leitor juntos estivessem. Por outro lado espera-se, da mesma maneira, que o leitor, no ato da leitura, imagine que este texto seja possivelmente a manifestação de um tal complexo de Castro Alves diagnosticado por um tal Leminski em seus "Ensaio e anseios crípticos" em um tal texto denominado "Os perigos da literatura" – e cada qual que procure o seu – ; de modo que, por fim, o texto seja considerado um gesto de encontro e diálogo.

Assim, é interessante notar durante o ato da escrita a existência em mente de algo ainda inexistente na página e que, conforme passa a existir, deixa

* Doutorando e Mestre em Direito pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Especialista em Direito e Processo Penal pela Universidade Estadual de Londrina (UEL), Bacharel em Direito pela Universidade Norte do Paraná (UNOPAR).

de ser o que era. Que diriam os de Campos? As letras, as palavras, as frases, os parágrafos e os capítulos, bem como os devidos e pontuais sinais, que transportarão os pensamentos para este texto por ora (sobre)vivem apenas na caótica mente de quem os escreve; e os escreve com certa angústia, pois segundo Gilles Deleuze e Pierre-Félix Guattari, nada mais doloroso do que pensamentos e idéias, variabilidades infinitas, que fogem de si mesmas em velocidades também infinitas; que desaparecem desde que esboçadas, corroídas pelo esquecimento e pelo cotidiano. Perdemos(,) sem cessar nossas idéias. Seres lentos, de lento cérebro, não nos damos conta desta súbita e incontida sangria. Senão Descartes, também Platão o fizera.

E quando e enquanto estes pensamentos e idéias são arduamente traduzidos, na medida em que traduzir não pode ser deixar mais barato, e com todas as limitações existentes – pois segundo Leminski “toda tradução, de certa forma, é uma impossibilidade, é sempre uma agressão, um ato de violência, uma brutalidade” e também porque “nenhum original merece ser passado para um repertório mais baixo, pois cultura é subir crescendo, para o mais rico, o mais raro, o mais forte e o mais radioativo” –, e com todas as limitações presentes, ia escrevendo, vão aqueles pensamentos preenchendo e como que sujando o alvo espaço, ao mesmo tempo em que limpam e purificam estes pensamentos na esperança de transferir o caos ou mesmo de criá-lo na mente de quem os lê, no futuro, para que logo então ou neste outro exato instante passado se preencha de outros tantos caóticos pensamentos, novos ou derivados, todos presentes do presente.

Se ler é como que traduzir, como o queria Hans-Georg Gadamer, escrever também o é, na medida em que quem realiza esta operação deficitária lança ao leitor, este caro desconhecido, mas possível amigo, um (re)fluxo infinito de seus pensamentos, tornados finitamente texto, reduzidos, algo inevitavelmente modificado do original. Decorre que desta inexatidão do texto em referência ao caos mental primário, surge com a leitura uma segunda inexatidão, que se refere, desta vez, à introdução da intradução do texto pelo

leitor. Não há, portanto, modos satisfatórios daquele que escreve perceber até onde é que o outro, o leitor, deixa de acompanhá-lo, restando por isso, sempre, a sensação da (ir)realização de uma tarefa: decepcionante. Avner Eisenberg, mais do que ninguém, compreenderia. Em geral, ainda segundo Gadamer, falta, na tradução, “a respiração daquele que fala, a respiração que anima a compreensão. Falta à linguagem o volume original”. Fosse este trabalho uma poesia, e necessária seria, por parte do leitor, uma verve poética para repoetizá-lo de modo a não terminar o texto lido de forma degradada, estranha e artificial.

Por óbvio que no ato da leitura deste texto pelos possíveis leitores o que se encontra agora em caos na mente de quem escreve foi transformado. Tudo, leitor. A escrita e a leitura se dão em momentos extremos, agora unidos imaginariamente por conveniência. De Bergson a Badiou, passando por Balzac e Bakhtin. O ato da escrita do texto é seu pré-texto. O ato da leitura do texto é seu pós-texto. O que era pensamento dinâmico e caótico, como num brutal corte de navalha, se solidifica, se reduz, e embora não seja mais, é avaliado pelo que foi. O constante devir que estabelecia uma relação autor-obra se concretizará, inaugurando, no ato da leitura, uma relação obra-leitor.

É assim que o autor deste trabalho pensa e deseja que mais importante do que a relação que cria agora com a necessária confecção de um texto fruto de uma pesquisa que nunca cessa, é a relação que a obra pode estabelecer com seus possíveis leitores e, sobretudo, o caótico pensamento em que, se neste ato agora estou, espero não mais estar durante o próximo ato que se inicia assim que o presente acaba. Heidegger é que não era, jamais Artaud, Haydée Sosa e Feyerabend.

No entanto, fala-se de um papel em branco sobre cuja superfície se escreve quando em verdade o que há em frente é uma tela feita com a ajuda de alguma tecnologia da qual se desconhece a procedência e funcionamento. Agamben talvez esteja; e, profanados, Amelie distribui estratégias a desconhecidos enquanto Alex DeLarge não mais estupra Beethoven. Nesta época pseudo-digital, porque digital para poucos, há também alguns

mecanismos demasiado agressivos ao texto, muito mais agressivo que o anteriormente usado, de nome borracha, fortuna de outros poucos num Brasil de outra época não digital. Iser e Ingarden não participaram, Auerbach tampouco. Tudo aqui é pensado. Os botões de backspace ou del ou correspondentes, já talvez ultrapassados mas presentes na máquina em que o ato desta escrita se concretiza – na medida em que concretizar é possível, visto tratar-se de uma tela com páginas virtuais – , fazem com que os erros, anotações ou rabiscos literalmente manuscritos de outrora, passíveis de uso em projetos para um qualquer dia pré-morte que a pós-vida raramente deixa realizar, já que “há em qualquer profecia, que o mundo se acaba um dia”, e que acabavam guardados despreziosamente para estudos posteriores (lista de compras, horários de medicamentos e bilhetes de amor, inclusive?), hoje não existam mais – pelo menos não nos autores os quais se utilizam do atual aparato tecnológico e digital. Excluiu-se, estóico, Ariano Villar Suassuna, pelo sistema acusado de vilão assassino.

Em suma, não se pode mais perceber os ensaios de pensamentos de um autor – ensaio aqui entendido como todos os atos realizados com as cortinas fechadas, atos que antecedem a apresentação de uma obra, seja ela musical, teatral, ou neste caso, textual, no sentido de um espaço e tempo em que se estudam, se aprendem, se estabelecem os métodos e possibilidades para um fim a que se pretende alcançar ou não. Tudo é propósito. O que se tem agora é nada além da pronta obra. Warat tinha sim olhos de Lince e, sim, a rua grita Dionísio! Seus pensamentos possíveis e caminhos cogitados, entre variações, variáveis e variedades, são deletados e o que se apresenta ao leitor não é nada mais do que aquela.

Isto é abissal e visto de um certo ângulo muito possivelmente atormenta também a figura do pesquisador que não mais possui acesso aos rabiscos em páginas descartadas do espólio da obra do seu autor cujo pensamento venha a ser objeto de pesquisa. Cervantes sim, mas Góngora y Argote também. Não se tem mais acesso ao que mais o autor pensou além do que foi publicado. A obra

escrita não passa de uma mitigada amostragem do que foi o pensamento de um autor, a redução de um pensamento; ou então não é nada disso, Jarry.

Assim, em contraposição àquele velho idiota de que falam Deleuze e Guattari, o qual ainda vive e quer somente o verdadeiro, pretendendo por si mesmo dar-se conta do que era compreensível ou não, razoável ou não, perdido ou salvo e não prestando contas a nada que não seja a razão, admitimos pensar como aquele outro idiota, mais novo, amador apaixonado, e que quer fazer do absurdo a mais alta potência do pensamento, recusando qualquer das pretensas verdades da História, criando e não apenas pedindo senão que exigindo o perdido, o impossível, o incompreensível e o inconcebível. Benjamin morreria na fronteira; Christa Päffgen, em Ibiza. Gregorio Barenblitt aprovaria; mas Grigory Barenblatt pode ser que não e é justamente naqueles momentos em que a lógica se cala, os que consideramos de fundamental importância. Proust lembra enquanto escreve, Barthes ergue a cabeça enquanto lê.

Deste modo, nos damos conta de que é necessário subir novamente o caminho pelo qual descemos, e ao invés de um lógico encadeamento de proposições, preferimos, por puro gosto, desligados de aderências psicológicas e sociológicas determinantes e deterministas, revelar os fluxos e refluxos de um monólogo interior ou as estranhas entranhas e trifurcações do diálogo ordinário. Austry e Cortázar também; tudo para poder mostrar como o pensamento produz, quando liberado e afastado da verdade como paradigma, ao arrepio da academia de V. Flako, algo de interessante, sempre pronto à reconquista do poder de criação e da humanidade do humano.

Um dos objetivos deste, se não, até aqui, foi, ou antes, mental dos que (o)correm do cérebro de qualquer caos, que não é mas primeiro, e tanto mais, desfaz no infinito enfrentamento, em uma muito possivelmente incapaz tentativa filosófica de fazer com que Lia

